

**CARLO  
COLLODI**  
**HISTÓRIAS  
ALEGRES**

Tradução do italiano e notas **Ana Cláudia Santos**  
Ilustrações de **Enrico Mazzanti**



## ÍNDICE

<i>Nota sobre a tradução</i> . . . . .	7
--	---

### **O homenzinho que ainda não o era**

ou a história de todos os rapazes que querem parecer  
homens antes do tempo . . . . .

I	O senhor Gigino . . . . .	11
II	A cartola . . . . .	13
III	O colarinho de goma . . . . .	16
IV	A esgrima . . . . .	23
V	A queda do cavalo . . . . .	27
VI	O charuto . . . . .	33
VII	A casaca . . . . .	37

### **Pipi**

ou o macaquinho cor-de-rosa . . . . .

I	Porque deram a Pipi a alcunha de «maca- quinho cor-de-rosa» . . . . .	43
II	Como foi que Pipi perdeu a sua linda cauda	46
III	Pipi cai num grande rio e é repescado . . .	51
IV	Pipi torna-se amigo do menino Alfredo . .	55

CARLO COLLODI

V	Pipi promete ao amigo Alfredo acompanhá-lo numa longa viagem, mas promete sem se sentir na obrigação de cumprir . . . . .	63
VI	Pipi, faltando à promessa, vai para a pân-dega . . . . .	71
VII	Pipi começa a arrepender-se de ter faltado à promessa . . . . .	75
VIII	O terrível assassino Goela-Seca e os seus companheiros. Goela-Seca põe o pobre Pipi no bolso e leva-o consigo . . . . .	79
IX	Na <i>Estalagem das Moscas</i> . . . . .	82
X	Como foi que <i>Nanni</i> , o gato da <i>Estalagem das Moscas</i> , tomou o lugar de Pipi no bolso do assassino. . . . .	90
XI	Depois de ter ficado cego, Goela-Seca reencontra o Macaquinho cor-de-rosa . . .	95
XII	Pipi torna-se imperador. . . . .	99
XIII	Pipi recebe uma lição do coelho . . . . .	105
XIV	Pipi reencontra finalmente Alfredo e parte com ele. . . . .	111
	<b>O dia de Natal</b> . . . . .	117
	<b>Depois do teatro</b> . . . . .	131
	<b>Quem não tem coragem não vá à guerra</b> (Provérbio em onze partes) . . . . .	145

## ÍNDICE

<b>O advogadinho</b>	
defensor dos rapazes preguiçosos e sem amor-próprio. . .	173
Um rapazinho modelo. . . . .	176
Primeiro capítulo do conto	
Como deveriam ser as mães quando repreen-	
dem os filhos . . . . .	176
Segundo capítulo do conto	
Como deveriam ser os pais quando repreen-	
dem os filhos . . . . .	179
Terceiro e último capítulo do conto	
Como os professores se deveriam mostrar	
amáveis com os seus alunos . . . . .	180
<b>Quando eu era criança!</b>	
(Memórias de C. Collodi) . . . . .	185
<b>Uma mascarada de Carnaval</b>	
ou os estratagemas . . . . .	195

**O advogadinho**  
defensor dos rapazes preguiçosos  
e sem amor-próprio



O seu nome era Tommaso. Mas em casa e fora dela todos lhe chamavam Masino.

Masino tinha todos os defeitos que pode ter um rapazinho da sua idade, entre os onze e os doze anos: desobediente, preguiçoso, dorminhoco, inimigo da água para lavar as mãos e a cara, cobrindo de nódoas de gordura e rasgões toda a roupa que vestia, disseminador de mentiras a granel e a retalho, tagarela, impertinente, respondão e adversário implacável dos livros e da escola.

A mãe ralhava-lhe, o pai repreendia-o, o professor castigava-o, os companheiros de escola troçavam das suas asneiras; mas ao nosso Masino tanto se lhe dava como se lhe deu.

— Quando tiverem dito tudo o que têm para dizer, logo se calam! — e com estas palavras, acompanhadas de um encolher de ombros ou de um aceno de cabeça, resignava-se.

Um belo dia, meteu na cabeça que era perseguido injustamente e fez com os seus botões este curioso raciocínio:

— Todos ralham comigo... Todos estão contra mim!... E por que razão? No fim de contas, eu faço o que devem fazer todos os rapazes. Portanto, a culpa não é minha. A culpa é da mãe, que nunca se cala; a culpa é do pai, que está sempre aos gritos... a culpa é do professor, que tem necessidade de me fazer ficar mal todos os dias perante os meus companheiros de escola. Oh, que bom seria se os pais e as mães se pudessem corrigir um dia dessa sua mania de resmungar!... Oh! Que bom seria se os professores se convencessem de que podem, quando muito, exigir dos rapazes que vão à escola... Mas pretender que vão à escola e que estudem, parece-me cá uma exigência! Quem é que consegue fazer duas coisas ao mesmo tempo?

À força de insistir nestes raciocínios, Masino teve por fim uma excelente ideia, e disse, todo contente:

— E se me tornasse o defensor dos rapazes como eu? Se escrevesse um livro para dar uma boa lição aos pais e

O ADVOGADINHO

às mães, e para corrigir esses senhores professores, que são os mais resmungões de todos? Eu nunca aprendi a escrever, mas sempre ouvi dizer que se escreve como se fala. Eu falo bem, portanto, devo saber escrever!... E pensar que o pai e a mãe teimam em mandar-me à escola! – mas, um momento: e que poderei eu escrever? Uma comédia intitulada *Os Resmungões*?... Para as comédias, e não me cabe a mim dizê-lo, sempre tive muitíssima vocação. Até a mãe, quando invento



CARLO COLLODI

alguma mentira, diz sempre que pareço o *Mentiroso* de Goldoni. Logo, se pareço o Goldoni, isso quer dizer que também sei fazer comédias. E depois, quando tiver feito a comédia, quem é que ma vai representar? E se por azar ma assobiam? E a possibilidade existe, porque os pais e as mães, com a desculpa de nos levarem a nós, crianças, ao teatro, vão sempre às comédias e às farsas, e eles assobiar-me-iam de certeza. Não seria mais simples se eu escrevesse, em vez disso, um lindo continho para publicar nos jornais? Assim, evitaria o perigo dos assobios e, se algum disparate me escapasse, ninguém prestaria atenção, porque o pai diz sempre que os jornais estão cheios de disparates e de notícias falsas. Sim, sim, quero experimentar, e já.

Dito e feito, o nosso Masino fechou-se no quarto e, pegando em papel e caneta, começou o seu conto com este título:

## UM RAPAZINHO MODELO

### PRIMEIRO CAPÍTULO DO CONTO

#### Como deveriam ser as mães quando repreendem os filhos

Masino era o melhor filho do mundo. O pai e a mãe estavam sempre a ralhar-lhe, e ele deixava-os ralharem; o professor, para satisfazer o gosto de o punir,



tirava-lhe o pequeno-almoço, e ele, por prudência, tomava o pequeno-almoço antes de ir para a escola.

Mas chegou finalmente um dia em que os pais e o professor se deram conta de que cometiam uma grande injustiça ao estarem sempre a repreendê-lo, e então as coisas começaram a melhorar.

Quando por vezes Masino se esquecia de lavar as mãos e a cara, a mãe, em vez de lhe ralhar, começou a dizer-lhe:

— Muito bem, Masino! Vejo que não lavaste nem a cara, nem as mãos, e fizeste bem. Com a água, meu menino, nunca se deve ganhar confiança. É tão fácil apanhar resfriados e dores no peito!... Ao que parece, saíste agora da cama, não foi?

— Sim, mãe.

— Sabes que horas são? São nove, e tu às oito devias ter ido para a escola...

— O que queres? Tinha sono, e estava a dormir tão bem!...

— Compreendo, pobrezinho! O provérbio diz que quem dorme não pesca, mas tu, meu menino, não tens de ir à pesca: por isso, se te dá prazer, podes dormir até ao meio-dia. E os deveres, fizeste-os?...

— Queria fazê-los, mas depois esqueci-me...

— Tal e qual como eu! Eu também queria ir a casa da minha irmã, e depois esqueci-me. Vê-se mesmo que és filho da tua mãe. E o que vais tomar ao pequeno-almoço?

— O café com leite do costume...

— Mas lembra-te, meu fofinho, de pôr muito, mas muito açúcar. O açúcar compra-se expressamente para o acabarmos depressa, senão estraga-se.

— E vou molhar lá duas fatiazinhas de pão.

— Não, meu anjo, debes molhar lá duas vianinhas, e bem barradas com manteiga, porque a manteiga faz bem à garganta e ajuda à digestão. E hoje não queres ir à escola?

— Escuta, mãe, penso que não irei..

— É mesmo isso que te queria dizer. Para ir à escola há sempre tempo. Sabes o que faria eu antes, no teu lugar? Ia jogar à bola até ao meio-dia; depois, voltava a casa para comer qualquer coisinha, uma boa fatia de rosbife, um prato de macarrão com dois dedos de queijo parmesão por cima, e um belo bolo recheado de natas batidas. E se, depois de comeres, quiseses estudar um bocadinho...

— Pois bem, mãe, e se em vez de estudar eu fosse jogar ao pião nas áleas do parque das Cascine?

— Muito bem! Vê-se mesmo que és um rapazinho cheio de juízo. O pião, na tua idade, é muito mais útil do que a Geografia e a História. Que falta faz estudar História quando o mundo inteiro está cheio de histórias? Pois bem, adeus, fofinho: eu vou visitar a minha irmã, e tu, tenta divertir-te o mais que puderes, e não estudes tanto!... (*voltando para trás*). Tem cuidado: não estudes tanto! (*voltando para trás uma segunda*)

vez). Não estudes tanto, porque para estudar há sempre tempo!...

SEGUNDO CAPÍTULO DO CONTO

Como deveriam ser os pais quando repreendem os filhos

Poucos dias depois, Masino foi ao quarto procurar o pai (que se tinha corrigido do péssimo vício de resmungar) e disse-lhe:

— Pai, sabes o que foi que o professor me fez?

— O que te fez ele?

— Com a desculpa de que errei a responder em Aritmética, pôs-me de castigo...

— Mas isso é terrível!... Vou dizê-lo à polícia!...

— Escuta, pai: já não quero ir à escola.

— Eu faria o mesmo que tu. Para que serve a escola? A escola não é mais do que um suplício inventado de propósito para vos atormentar, pobres rapazes.

— Tu percebes? Pôr-me de castigo porque a Aritmética não me quer entrar na cabeça! Querem lá ver que um cidadão livre não é senhor de não saber cálculo? Porque também eu sou um cidadão livre, não concordas, pai?

— É claro que concordo.

— O meu professor é um bom homem, mas é casmurro. Imagina tu, queria que os seus alunos tivessem de estudar!...

— Pretensões ridículas! Se vier dizer-me isso, não duvides de que lhe trato da saúde!

— Devias ir ter com ele!

— Com certeza que irei, e vou dizer-lhe que os professores podem pretender que os seus alunos saibam a lição; mas obrigá-los a estudar, não, não, mil vezes não.

— A vontade é livre, não concordas, pai?

— Com certeza que concordo, e quando um rapaz diz «eu não quero estudar», ninguém o pode forçar.

— Imagina! Queria que, durante a lição, os seus alunos estivessem todos caladinhos! Como é possível estar calado quando se sente vontade de falar?

— Tens toda a razão! Então foi dada ao homem a palavra para que na escola ele estivesse calado? Deixa comigo: amanhã vou ter com ele, e vou dizer-lhe umas verdades.

### TERCEIRO E ÚLTIMO CAPÍTULO DO CONTO

#### Como os professores se deveriam mostrar amáveis com os seus alunos

E o pai foi realmente ter com o professor, e deu-lhe uma grande ensaboadela, de que ele se lembraria por muito tempo, tanto assim é que, quando Masino voltou à escola, o professor veio ao seu encontro todo atormentado, e, com o chapéu na mão, disse-lhe:

— Desculpa, Masino, se no outro dia te pus de castigo. Foi um erro, perdoa-me: todos podem errar neste mundo. Que fizeste tu, pobre filho, para merecer aquele castigo? Não tinhas aprendido a lição... Mas será isso uma falta? Terão os alunos obrigação de saber a lição? Era o que faltava! Vá lá, perdoa-me, e não se fala mais disso! Deixa-me antes ver os teus cadernos! Muito bem! Estão todos cobertos de rabiscos! Os rabiscos nos cadernos provam que o aluno é um rapazinho asseado e que estuda bem. Vou dar-te sete pontos de mérito pelos rabiscos. Os rapazes de boa vontade, como tu, devem ser sempre encorajados! Vejamos agora os teus livros. Extraordinário! Estes livros todos rasgados e retalhados são uma boa prova de que sabes tomar bem conta deles. A primeira coisa que um aluno como deve ser e realmente estudioso deve fazer é estragar os livros da escola. Vou dar-te mais cinco pontos de mérito pelos livros estragados. Se amanhã, quando vieres para a escola, perderes algum pelo caminho, acrescento-te mais cinco pontos, para que isso possa servir de exemplo aos teus companheiros. E essa nódoa que tens aí à frente na camisa, como é que a fizeste?

— Fi-la esta manhã, ao lamber o açúcar do fundo da chávena.

— Favorece-te muito, essa nódoa. A mim sempre me aborreceram os alunos com a camisa limpa. Gosto dos alunos como tu, todos cobertos de nódoas e de manchas de gordura. Vou dar-te seis pontos de mérito

por essa bela nódoa de café com leite. Mereceria mais, mas por hoje fica assim. Diz-me, Masino, estudaste a lição de Gramática?

— Sim, senhor.

— Diz-me, portanto, quantas letras são precisas para formar uma sílaba?

— Assim, de improviso, não saberia dizê-lo...

— Muito bem. Dizes-me noutra ocasião. E Cálculo, estudaste?

— Sim, senhor.

— O que significa uma cruzinha assim + posta entre dois números?

— Isso... eu diria que... representa uma cruz...

— Hoje não te apetece responder. Respondes-me noutra altura. E Geografia, aprendeste?

